



O
PALHAÇO
NO
MILHARAL

ADAM CESARE



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2022



UM ANO DEPOIS

— Calma! Peraí!

O caminhão de mudança fez uma barulheira e depois roncou. Os pneus chiaram no asfalto conforme o veículo começou a avançar.

— Vocês não podem ir embora assim!

Quinn Maybrook assistia, sem poder fazer nada, seu pai se atirar na lateral do caminhão. Ele se firmou no estribo. Os braços pegajosos de suor estavam tensionados, agarrados ao espelho retrovisor, enquanto ele tentava subir para, entredentes, implorar ao motorista.

Poderia até parecer uma cena de arrepiar de algum filme de ação... Se o caminhão não estivesse praticamente parado.

O motorista freou, o caminhão estremeceu, fez barulho de novo, e o condutor deu uma abridinha na janela e disse:

— Olha, Seu Maybrook, o doutor pagou pela entrega e pra tirar as coisas, não pra levar nada pra dentro. A gente dirigiu a noite toda pra chegar aqui, e vai ser um dia inteiro na estrada até a Filadélfia. Temos outro serviço bem cedinho amanhã...

— Mas é que...

— O doutor me desculpe, mas a gente tem que ir — disse o homem, que fechou a janela manualmente. Seu pai enfiou os dedos na brecha, e colocou o peso na janela.

O sujeito olhou para ele com um olhar do tipo *eu fecho esse vidro e corto seus dedos fora, mas me faz o favor de não me obrigar a isso porque vai ser uma bela duma dor de cabeça pra todo mundo.*

Seu pai soltou.

— Nem precisa avaliar a gente na internet! — gritou o motorista, antes de pisar fundo. Aquela partida repentina assustou seu pai e o deixou meio abalado. Ele voltou aos tropeços para onde Quinn estava, e os dois ficaram vendo o caminhão ir embora. Olhar era só o que restava.

Glenn Maybrook tirou a poeira da roupa e ajustou os óculos.

— É... — falou e bateu palmas como se não tivesse acabado de tentar lutar com um caminhão. — Pelo visto, chegamos. — Quinn conseguia ver que seu pai estava prestes a perder a compostura. Ele murmurou e começou a repetir: — Chegamos, chegamos...

— Ai, pai, que isso. Não é nada demais. Nem tem tanta coisa assim — disse Quinn. Na verdade, a mudança havia sido mais difícil do que o imaginado, e agora os dois ainda precisavam levar tudo para dentro.



Mamãe teria achado a situação hilária se estivesse aqui. Só que, é claro, se mamãe ainda estivesse por aqui, eles de jeito nenhum teriam saído da Filadélfia e ido para Kettle Springs, em Missouri.

Acontece que, justamente porque Mamãe não estava por aqui, os dois estavam.

Parada no meio da rua, Quinn olhou para o horizonte, como se fosse conseguir ficar na ponta dos pés e ver a torre de telefone, como fazia onde morava. Quando seu pai contou que iam se mudar, Quinn havia pesquisado rapidinho e concluiu que a cidade seria, tipo, um enorme milharal. Que seria quieta, sossegada e chata. Não havia sido justo, porque ela já viu que o lugar tinha mais coisas do que havia imaginado. O que era bom: ela poderia até tentar ver a cidade como uma parada de um ano entre seu presente e seu futuro, mas não seria nada mau se o ano fosse minimamente aproveitável.

A casa nova ficava a 5 minutos do centro; haviam passado por ele quando chegaram. A avenida principal, pelo visto, não era apenas a avenida principal, mas também o único jeito de sair de Kettle Springs, o que dava a impressão de que essa cidade do Missouri estava mais para uma rua sem saída supervalorizada. Quando passou pelo centro, Quinn notou um restaurante estilo anos 50 e uma livraria que, muito provavelmente, devia ter apenas livros usados e só romances e *thrillers* em que os detetives têm gatos. Ou talvez os detetives fossem gatos. Bom, não era a praia dela.

Olhando pelo lado positivo, também havia um cinema que passava filmes antigos, e não apenas um, mas dois brechós, um deles com as venezianas abaixadas. O cinema e os brechós estariam cheios de hipsters lá na Filadélfia, mas aqui era provável que fossem entretenimento da mais alta qualidade e tecnologia. Ficou animada para ver como eram.



Na nova rua onde moravam, Marshall Lane, havia quatro casas enfileiradas em cada lado, e cada uma delas tinha sinais de vida. Duas tinham enormes tratores verdes da marca John Deere estacionados na frente. Ou será que eram carrinhos de cortar grama? Quinn não fazia a menor ideia da diferença entre eles. Ia ter que aprender aquilo e mais. Se mudar para Kettle Springs seria... uma experiência de *aprendizado*.

Ela olhou para trás, para a calçada e para seus pertences mundanos. Sob a luz do início da manhã, o que mais chamou sua atenção foi como as coisas ocupavam pouco espaço no jardim.

Tirando as caixas — cuja maioria continha equipamentos para o novo consultório do pai —, havia uma cadeira com rodinhas, e uma delas estava quebrada; dois colchões de tamanhos diferentes, mas da mesma marca; uma boneca de quando ela era pequena que não pegava há anos — Quinn nem conseguia acreditar que ela veio na viagem; dois caixotes de plástico cheios com os discos antigos de seu pai, mesmo que nem houvesse um aparelho de som; a TV que haviam enrolado num cobertor velho e desgastado; presa com um nó, uma pilha de prontuários médicos desatualizados que iam, muito provavelmente, acabar no porão e nunca mais serem abertos de novo; um sofá velho que parecia ainda mais velho e mais feio ali, no gramado, do que jamais parecera no antigo apartamento alugado; um monitor de computador de tubo e um porta-pôster que havia se dobrado no meio durante a viagem — a cara da Audrey Hepburn devia ter ficado enrugada para sempre.

E pairando sobre isso tudo estava a casa.

As laterais estavam descascando, as janelas cintilavam, a porta da frente precisava de uma demão de tinta e ser lixada para ontem, e, pelo que Quinn conseguia ver, o



telhado parecia com seus dentes naquele momento: sujos (ela tinha escovado antes de saírem, mas a viagem tinha sido longa, e foram muitos lanches em lojas de conveniência). Dava para ver que a estrutura era de uma casa boa. A varanda da frente e o deck com balanço eram charmosos, agora, o que tinha naquela estrutura... Só por Deus.

Mas não havia tempo para se preocupar com o que ela não tinha como mudar. Havia muito trabalho a ser feito. Levar tudo para dentro tomaria a maior parte do dia, e ela estava determinada a dar um jeito. Ainda era cedo, e não havia nenhum vizinho à vista, então o melhor caminho para passar a menor vergonha possível era colocar tudo dentro da casa antes que parecesse que ela e o pai estavam fazendo uma venda de garagem ao contrário.

Por Deus, a cansada de Quinn não era fraca, não. Depois de desempacotarem tudo, ela ia precisar dormir. Amanhã era o primeiro dia na escola — o segundo primeiro dia na escola esse ano, na verdade —, e ela precisava estar com uma boa aparência.

Seu pai deu uma olhada nela, percebeu que a filha estava absorvendo a situação e jogou as mãos para cima. Ele gesticulou para as coisas todas e pareceu estar prestes a chorar.

— Não se preocupe. Nem vai demorar tanto assim — disse ela, enquanto se abaixava para levantar um pé do sofá que havia afundado na grama úmida. — Mas me ajuda. Sozinha eu não consigo.

No três, cada um ergueu uma ponta do sofá. O ar se encheu de poeira, e Quinn segurou um espirro. Deviam ter deixado esse troço na Filadélfia. Podiam ter comprado outro sofá, um novo, daqueles de canto com porta-copos, entradas USB e assentos aquecidos. Trocar os móveis foi outra oportunidade de recomeço que seu pai ignorara. Tá, pode



até ser que coisas novas sejam uma extravagância, mas seu pai era médico, e o custo de vida aqui era — como ele tinha insistido — tão barato que nem dava pra acreditar. Mas, mesmo que não fosse, ela preferia comer arroz e feijão por um mês do que viver com relíquias mofadas de sua vida do passado.

O sofá tinha o cheiro da mãe. Caralho, agora era Quinn que estava prestes a chorar.

Ela ergueu o olhar do sofá e pegou o pai encarando-a.

— Você sabe que é incrível, né, filhota?

Ele podia ser meio perdido às vezes, mas Glenn Maybrook era quase sempre querido o bastante a ponto de convencê-la a deixar a tristeza pra lá.

— Sei, sei, avião sem asa, fogueira sem brasa, já ouvi essa. Vamos dar uma volta, tá bom? Eu subo a escada primeiro — disse ela.

— Não, não, deixa que eu vou de costas. — Que gesto mais cavalheiro, se oferecer para andar na direção difícil. Acontece que ele estava se enganando. Dr. Glenn Maybrook era só cotovelos pontudos, pés desajeitados e óculos de grau de promoção.

A mãe de Quinn é que era a atleta; ela quem influenciara a filha a praticar esportes. Seguindo os passos da mãe, era do vôlei que Quinn gostava. Tinha membros longos e velocidade. Não era a mais alta do time, mas saltava tanto que seu ombro alcançava o topo da rede. Os treinadores ficaram arrasados quando ela contou que não faria mais parte do time do colégio e que se mudaria para Kettle Springs. Eles tentaram fazê-la mudar de ideia — como se tivesse escolha. Até chegaram a se oferecer para conversar com seu pai.



O problema é que a mudança inteira aconteceu tão rápido que ela nem teve chance de recusar. Seu pai havia recebido a proposta em uma segunda e aceitado na sexta seguinte. Em uma semana já estavam empacotando tudo para partir. Ele não perguntou o que ela queria. Só contou um dia, depois da aula, como se uma mudança para o outro lado do país não fosse nada demais. Como se estivesse contando que tinha pedido comida sem perguntar o que ela queria.

Foi uma ótima oportunidade, uma grande oportunidade: o trabalho e a escritura da casa. Teriam como recomeçar com o simples virar de uma chave.

— Por favor, filha — disse ele quando finalmente teve coragem de pedir. — A gente precisa muito recomeçar do zero.

E talvez ele estivesse certo.

Para Quinn, essa era a única vantagem de sair da Filadélfia: um novo começo. Ou, se não fosse pelo recomeço, ela teria um lugar para fazer um detox de um ano e se restabelecer antes de tentar a Universidade da Pensilvânia, a Temple ou qualquer uma da região da Filadélfia.

Em Kettle Springs, conseguiria ficar na sua e evitar dramas. Ninguém aqui conhecia Quinn como a garota cuja mãe ficou estatelada nas arquibancadas durante os jogos escolares do ano passado com vômito até no queixo.

Ninguém em Kettle Springs sabia como Samantha Maybrook tinha morrido.

Quinn poderia recomeçar do zero.

Equilibrando o sofá, ela passou pela soleira da porta e, na sala de estar, abaixou o lado que carregava. O cheiro de suor rançoso e xixi de gato a fez ir correndo abrir as janelas.



— Credo, pai, que cheiro é esse?

— O último dono deve ter sido gateiro... — respondeu ele enquanto coçava o pescoço.

— E um recluso do cara... do caramba. Um recluso do caramba.

O pai soltou seu lado do sofá — o que deve ter deixado mais marcas de meia lua no chão de madeira já arruinado — e foi até a outra ponta da sala, para abrir o resto das janelas, na esperança de sentir uma brisa.

Deixa pra lá. Nem incomoda ele com essas coisas pequenas.

Com o ar mais fresquinho, não fresco, fresco, Quinn absorveu o lugar ao seu redor. Os dois vinham de um apartamento de três andares em Fairmount que estava mais para três cômodos minúsculos empilhados um no outro, onde só era domingo quando dava para ouvir os vizinhos brigando. No selo postal de lá havia a ilustração de um gramado, e sua mãe gostava de brincar dizendo que aquele era seu “jardim”. Quinn nunca tinha morado numa casa de verdade e, mesmo assim, sentiu que conhecia o layout da casa na Marshall Lane por instinto. Vire aqui e, pronto, a despensa. Lá em cima ficam os quartos. O banheiro é ali, na segunda porta à direita.

Aquela familiaridade trazia um certo nível de conforto.

Quinn empurrou o sofá em direção à parede dos fundos. Precisariam de mais móveis, de mobília nova, para tirar a atenção tanto do tamanho do cômodo quanto do sentimento geral de solidão e abandono que dava para sentir quando se ficava ali.

Quando fossem comprar móveis, seria bom também pegar um maçarico e um pouco de querosene.



— Vou pegar mais uma caixa e depois dar uma olhada no meu quarto novo — disse Quinn. — Sempre quis morar num sótão.

O pai franziu o cenho, e ela ergueu a mão antes que ele pudesse começar a pedir desculpas por coisas que nem precisavam ser desculpadas.

— Não, é sério. Falei sério. Tem um quarto lá em cima com o teto inclinado, não tem? — perguntou ela, lembrando das fotos que o pai compartilhara. Em seguida, soltou mais um pouco de otimismo forçado. — Esse lugar até que é legal. Tem... personalidade.

— Que bom que você gostou — disse ele, enquanto se esforçava para abrir a última janela. Pareceu não perceber o deboche na voz dela. O pai bateu na moldura da janela com a palma da mão e puxou um pouco da tinta seca, para conseguir abrir uma brecha. — Vai dar trabalho, mas a casa promete, né?

Quinn deu um sorriso e assentiu. Com a quantidade certa de trabalho e amor, dá para salvar tudo.

Quer dizer, quase tudo.

Com um ruído que indicava que estava frouxa, a porta de tela bateu com tudo atrás de Quinn, e ela desceu os degraus da escada na frente da casa numa passada só, para pegar a caixa etiquetada como “tralhas da Quinn”.

A casa não era tão intuitiva quanto havia pensado, mas, depois de dois closets e do lavabo, ela achou a escadaria. Os degraus eram estreitos, frágeis, rachados e inacabados. Pelo visto, não ia rolar nenhuma fuga no meio da noite. No mínimo, isso seria um pouco mais difícil.

Ela subiu os degraus. Como não havia sacada, Quinn teria que ser mais cuidadosa à noite. Depois de colocar a



caixa no meio do chão de madeira rústica, começou a revisar suas coisas.

Bzzz.

Era uma mensagem de Tessa. Dizia: **vc vazou mas a gente n te esqueceu. Quinn p sempre em nossos <3.** Embaixo da mensagem havia um anexo, mas o celular estava demorando horrores para fazer o download. O círculo azul que indicava progresso estava só um quarto preenchido.

O cheiro de xixi de gato na sala de estar até tudo bem, mas era melhor seu pai se apressar e dar um jeito no Wi-Fi.

Houve um *BUM* lá embaixo, e Quinn correu para o topo da escada.

— Ô, pai, tá tudo bem aí?

— Aham... — gritou ele, em resposta. Era até desconcertante o quanto o som viajava bem através da casa vazia. — Mas a gente vai precisar de uma tela nova pra porta.

Quinn se obrigou a suspirar. Depois, com o coração ainda acelerado, respirou fundo. Glenn Maybrook já estava destruindo a casa. Pelo menos ele não tinha se matado. Ela não era uma órfã completa. Ainda não.

Lá fora, o Sol se erguia. Quinn abriu as venezianas da janela que dava para a Marshall Lane. O efeito foi imediato: o quarto se aqueceu sob a luz do sol.

Ela deu meia-volta para pegar a caixa que havia trazido e bateu a cabeça no teto inclinado.

Porra de teto inclinado.

Quinn murmurou algo terrível e, enquanto passava a mão na cabeça, se deu conta de que teria que engatinhar se quisesse tocar os extremos norte e sul do quarto.



Embaixo da inclinação do teto de um lado, havia uma cama de metal vintage e um colchão que parecia ter saído direto da Guerra Civil. O cômodo também contava com uma escrivaninha simples, encostada na parede embaixo da janela que dava para a rua na frente da casa. Só pelo brilho avermelhado da madeira, Quinn já soube que a mesa era um móvel de verdade, não MDF vagabundo.

O ex-proprietário da casa também era o antigo médico da cidade. Glenn Maybrook havia assumido seu consultório na avenida principal. Quinn não sabia que o pai tinha comprado a casa semimobiliada, se é que dava pra dizer isso por causa da mobília do quarto. Ela suspeitava que ele também nem soubesse. Não importava. Jamais tocaria aquele colchão com sua pele nua, mas ter algumas coisas deixaria a vida mais fácil. Não teriam que viajar até uma IKEA, isso se tivesse alguma IKEA no meio-oeste. Não teria que ficar até tarde da noite tentando montar uma cama só com uma chave de fenda e um manual com 27 passos em sueco. Por outro lado, também não teria as almôndegas veganas ou o molho de lingonberry. Mas não dava para se ter tudo nessa vida.

Quinn deu uma olhada no celular. O anexo tinha finalmente sido baixado. Tessa havia enviado um boomerang curtinho dela e de Jace esvaziando uma caixa de suco de maçã na lixeira da lanchonete. Estavam esvaziando uma por Quinn também. O texto parafraseava uma música do Boyz II Men; alguma coisa sobre o fim da estrada. Quinn deu um sorriso e se lembrou dos três dirigindo pela Filadélfia enquanto cantavam a plenos pulmões.

Ela assistiu ao vídeo mais algumas vezes e sentiu a visão ficar borrada. Não era a memória de passar pela South Street que deixava seu coração doendo, mas o fato de que começaria a receber cada vez menos mensagens como essa no decorrer das semanas seguintes.



Era uma merda, mas aqueles amigos estavam destinados a se separarem. Ela amava Tessa e Jace, mas a piada foi bem próxima da realidade. Logo mais, Quinn estaria morta para eles.

Quinn respondeu com um curto **kkkk** e deixou o autocorretor trocar pelo emoji rindo e chorando ao mesmo tempo. Chega. Não dava para passar o dia mandando mensagem para velhos amigos. Havia muita a coisa a ser feita. Ela tinha que se ocupar com seu recomeço.

Colocou o celular na mesa e olhou pela janela.

Seu pai estava no gramado da frente, conversando com um garoto que parecia ter a mesma idade que ela. O rapaz tinha um cabelo loiro escuro e vestia jeans e uma camisa de botão que o fazia parecer um lenhador. Pendurada em seu ombro, uma mochila camuflada que parecia estar nas últimas.

Mochila. Ele estava indo à escola.

Ah, merda! Meu pai tá conhecendo ele primeiro que eu.

O garoto estendeu a mão, o pai dela a apertou e riu de... Bom, vai saber do que é que Glenn Maybrook estava rindo. Quinn não sabia dizer.

Seu pai apontou para uma caixa, e Quinn viu os lábios do menino perguntarem:

— Precisa de uma ajuda?

Seu pai, contudo, dispensou a ajuda com um gesto e disse algo que deve ter sido:

— Imagina, eu e minha filha damos conta.

Glenn Maybrook deu meia-volta, apontou para a janela, e Quinn trocou um olhar com seu novo colega.



Glenn Maybrook acenou, bobo como sempre, e o garoto, reservado, acenou para ela. Quinn não retornou o cumprimento; só deu um grande passo para trás e desejou desaparecer por completo na escuridão. Ela ficou parada, sem respirar, fora da vista deles e contou até trinta. Quando teve coragem de voltar à janela, o rapaz tinha parado de olhar. Ele descia a rua com a mochila sobre os dois ombros.

Um instante depois, houve o barulho de seu pai brigando com a porta telada.

— Era o vizinho! — gritou ele. — Fica tranquila, não te fiz passar vergonha!

— Como se você fosse saber — respondeu Quinn, também gritando do canto do cômodo vazio.

As tábuas do chão rangiam quando ela atravessava o quarto. Parecia que tudo nessa casa rangia. E todos esses barulhos significavam que ela não teria como se esconder do pai. Não teria como ficar acordada até tarde, andando de um lado para o outro e enrolando com o dever de casa até o amanhecer. O que era uma merda, já que esse era o processo dela.

Quando foi para a janela do outro lado do quarto, a que dava vista para o jardim dos fundos, ela se desesperou. Não havia veneziana nem cortinas. Só que também não havia vizinhos ali atrás da casa.

O gramado estava irregular, muito crescido, tinha pontos com grama morta e uma banheira de passarinho tão inclinada que muito provavelmente não servia para mais nenhuma ave sequer.

Por outro lado, o gramado não era tudo o que se via.

A propriedade dava num milharal. Quilômetros de hectares de colheita. O que não deveria ter surpreendido



Quinn. Ela tinha visto a casa no Google Maps. A cidade inteira era cercada de milho.

Quinn olhou para o horizonte enquanto os pés de milho dançavam com a brisa. O milharal podia muito bem estar acenando, ou respirando. Como se o próprio estado do Missouri fosse um gigante adormecido sob a casa nova. Enorme e indiferente. Esse pensamento poderia ser reconfortante ou podia fazê-la pirar, pensando que morava nas costas de um monstro chamado Missouri. Era tudo uma questão de como ela escolhia enxergar as coisas. Perspectiva.

Quinn deu uma olhada à distância. O milho não era tudo o que tinha para ver. Lá, depois dos campos, cruzando o horizonte, pairando sobre tudo, como um aviso, ficava uma grande e dilapidada fábrica com um armazém. Mesmo pequena devido à distância, ela deduziu que a estrutura devia ter cinco andares de altura, isso sem incluir a chaminé que saía dos fundos. O telhado da fábrica estava cedendo, como um animal com as costas machucadas.

Na lateral da construção havia o que parecia um mural. Filadélfia tinha vários murais; tinha até um departamento da prefeitura exclusivo para eles. Quem sabe aquilo não fosse um bom lembrete de casa? Contudo, ele precisava de uma limpeza; tinha escurecido e sido coberto de fuligem devido a alguma calamidade que destruiu toda a estrutura.

Ela pegou o celular, desbloqueou a câmera e usou o zoom digital para ver mais de perto.

Lá estava. Pintado na lateral da fábrica, havia um palhaço.

Um palhaço das antigas, com chapéu de palha e um nariz vermelho e bulboso. A maquiagem estava desbotada no queixo, e o nariz antes vermelho vivo estava cheio



de bolhas que denunciavam onde a tinta havia descascado. O rosto pintado de branco tinha ficado cinza há muito tempo. Os olhos, por outro lado, pareciam mais ou menos intocados pelas labaredas. Além disso, algo no modo como haviam sido pintados fazia parecer que o palhaço estava olhando diretamente para a janela, para Quinn.

Sobre o topo da fábrica estava escrita a palavra “Baypen”. Deve ter sido o nome da empresa, mas Quinn não sentiu muita vontade de pesquisar, não.

Embaixo do palhaço havia um slogan ilegível, a não ser pela palavra “TUDO” escrita em letras maiúsculas, numa grafia que parecia querer pagar de chique, mas estava mais para um garrancho. Quinn tirou uma foto do palhaço. Talvez mandasse para Tessa mais tarde. A amiga gostava de coisas assustadoras e ia ficar animada. Faria Quinn se sentir melhor a respeito de ter um palhaço pervertido espiando-a. Depois, diria para Quinn o que Quinn já sabia: a próxima tarefa era, pelo amor de Deus, encontrar cortinas para aquela janela.





Quinn acordou com um despertador no celular que nem se lembrava de ter programado.

Ficou de barriga para cima e piscou por um segundo para o teto desconhecido. Depois, olhou para o pôster que tinha se soltado durante a noite e agora estava fixo por apenas três pontas; a nova mesa; as caixas que ainda precisava desempacotar...

Não. Kettle Springs não tinha sido coisa da sua cabeça.

Alguém bateu na porta, e o barulho repentino fez Quinn acordar de verdade.

— Fiz café da manhã — disse seu pai. Um instante de silêncio. — Tá lá embaixo. Tô indo pro consultório lá na cidade, pra ver o que vou enfrentar, tá bom?

Houve outro momento quieto, e Quinn se espreguiçou. Seu pai estava esperando uma confirmação de que ela tinha escutado.

— Beleza. Boa sorte no primeiro dia. — Por que não, não é mesmo? Não custava nada ser gentil. — Te amo.

— Também te amo — respondeu ele enquanto descia a escada que levava ao sótão. — E boa sorte pra você também, né?

Acontece que Quinn não precisava de sorte. Só um dos dois estava nervoso com o recomeço.

Com a casa só para si, Quinn foi para o chuveiro. Controlar a água quente e fria foi como um quebra-cabeça que ela só entendeu lá pela metade do banho, mas, no fim das contas, a sensação de ficar limpa após toda aquela poeira e mudança foi boa. Depois, se vestiu e secou o cabelo. Ela olhou para a chapinha e ponderou se iria começar o ano letivo com ou sem os cachos.

Levou quinze minutos, e, embora tivesse ódio da chapinha de vez em quando, hoje o calor e o movimento suave do aparelho a deixaram tranquila. Os cachinhos eram herança da mãe e ficariam com ela mesmo, pelo menos por enquanto.

Desceu as escadas e descobriu que o “café da manhã” que o pai mencionara era um pacote de cereal fechado por cliques. Ele tinha desempacotado só uma cumbuca e uma colher e as deixou no balcão da cozinha. Nada de leite. Era difícil dizer se era brincadeira ou se ele realmente achava que aquilo se qualificava como “fazer café da manhã”. Antes do que aconteceu com a mãe de Quinn, Glenn Maybrook era um cara engraçado. Agora, porém, aquele humor tinha se tornado... sutil.

A aula começava em 45 minutos. Julgando pelo que dava para ver da cidade pela janela do quarto, ela calculou uma caminhada de 10 minutos até a escola. Podia ir com calma e mesmo assim chegar a tempo.



Quinn sentou no chão com sua tigela de cereal e deu uma olhada no celular. Não demorou muito para ficar irritada tanto com a internet lenta quanto com o fato de que, pelo visto, Tessa e Jace não mandaram nenhuma mensagem de bom dia. Isso sem contar que, graças ao fuso horário, já era uma hora mais tarde na Filadélfia.

Eles já te esqueceram. E ainda não faz nem 48 horas.

Ela pegou a mochila vazia e saiu cedo de casa, só para se pôr em movimento.

Havia dois cruzamentos que a levariam ao colégio, e Quinn escolheu o que parecia menos depressivo. As casas eram maiores, mais afastadas umas das outras, e todas contavam com uma vibe “idososa gateira” que ficava aparente na decoração e no estado da construção. E não eram apenas os sapos de porcelana desgastada que seguravam plaquinhas de “Deus abençoe esse lar”, os fios de piscas-piscas amontoados nas calhas, ou os vasos de flores mortas tanto por desleixo quanto por não serem da estação. Nada disso. Também tinha muito dessa decadência onde ela morava antes, a diferença é que lá também havia vida nova sempre à espreita. A Filadélfia consumia o que apodrecia e vivia demolindo o velho, para abrir espaço ao novo. Olhando para essas casas, Quinn ficou pasma com o sentimento de que Kettle Springs tinha deixado seus melhores dias para trás. A cidade havia desistido.

Quinn estava tão perdida em pensamentos que não percebera o vizinho seguindo-a. O rapaz estava duas casas para trás, no lado oposto da rua. Ele percebeu quando ela olhou para trás e acelerou o passo para alcançá-la.

No jantar da noite passada, Quinn havia perguntado para o pai a respeito dele, mas Glenn Maybrook não conseguiu lembrar o nome do rapaz. Anos estudando medicina, memorizando cada um dos maiores ossos, veias e artérias



no corpo humano e mesmo assim ele não conseguia guardar o nome do vizinho na memória por algumas horas.

— Era... algo como... Rodney?

— Pai. Se o nome *daquele* cara é Rodney, então tem duas pessoas nessa família prestes a ter um surto.

Os dois riram. Foi um momento legal, mesmo que a memória duvidosa do pai agora parecesse mais uma coisa com que ela devia se preocupar.

— Oi, e aí?

Quinn olhou para o outro lado da rua. Não-Rodney desacelerou, para ficar paralelo a ela. Ainda vestindo uma camisa de flanela, o rapaz acenou com dois dedos para chamar sua atenção.

— Oi — disse ela. Não estava muito a fim de conversar, mas agora não tinha escapatória. Ele atravessou a rua, passando entre carros estacionados sem nem olhar para os dois lados. Ninguém ia a lugar nenhum em Kettle Springs mesmo.

— Meu nome é Rust. Ruston Vance — disse ele, com uma voz amigável, mas com pitadas de... do quê? Um so-taque caipira do meio-oeste? — A gente é vizinho. Conheci seu pai ontem.

O rapaz estendeu a mão. Não costumava ser assim que ela cumprimentava o pessoal da escola, mas pegou a mão dele e apertou firme. Foi meio estranho. Ele tinha a mão cheia de calos, algo que Quinn nunca tinha sentido. Isso, somado a seu comportamento, passava a impressão de que ele era um adulto. Ou talvez fosse só por causa dos calos e do nariz — quebrado e colocado no lugar de volta, talvez? — torto. Ou quem sabe fosse a barba loiro-escura, agora de perto um tantinho mais castanha, mas ainda impressionante e mais cheia do que via na maioria dos caras

